

Mais de 50% das meninas já deixaram de praticar atividades por vergonha do próprio corpo

“Pedi ajuda à minha mãe para perder peso.”

[\(HuffPost Brasil, 06/10/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Mais de metade de todas as meninas do mundo (54%) não têm boa autoestima corporal, e muitas estão deixando passar oportunidades importantes na vida. A informação é de um novo estudo global.

Na pesquisa realizada pela Dove e à qual o HuffPost UK teve acesso exclusivo foram entrevistadas mais de 5.000 garotas com idades entre 10 e 17 anos, em 14 países.

A pesquisa revelou que possuir um nível mais elevado de autoestima corporal - definida como a avaliação que as pessoas fazem de sua própria aparência física - exerce impacto duradouro sobre a autoconfiança de uma menina, sua resiliência e sua satisfação com a vida na fase em que ingressa na idade adulta.

As meninas com baixa autoestima corporal revelam tendência maior a ceder diante das pressões de beleza e aparência e de se afastar de atividades fundamentais para a construção de uma vida sadia, como a convivência social, praticar esportes ou a participação em clubes.

A autoestima corporal das meninas no estudo foi avaliada com o uso da escala de Mendelson, composta de 18 afirmações.

Foi pedido às meninas que assinalassem quanto se identificavam com afirmações negativas, como “há muitas coisas que eu mudaria em minha aparência, se pudesse”, ou afirmações positivas, como “tenho orgulho de meu corpo”. A partir disso, receberam uma nota geral de “autoestima corporal”.

O estudo constatou que quase seis em cada dez meninas, em nível mundial,

já evitaram praticar uma atividade devido à sua aparência. Essa porcentagem sobe para três quartos (75%) no caso de meninas russas e indonésias.

No Brasil, foi identificado que mais da metade das garotas (52%) não tem confiança corporal alta. Todas as meninas brasileiras (100%) com confiança corporal baixa evitam atividades importantes, tais como socializar com amigos e familiares, participar de atividades fora de casa e tentar fazer parte de times de esporte ou grupo de atividades, em comparação com apenas 4 em cada 10 (37%) meninas com confiança corporal elevada que exibem o mesmo comportamento.

A título de comparação, 53% das meninas britânicas já evitaram praticar uma atividade porque estão insatisfeitas com sua aparência. O Japão foi o país menos afetado: apenas 22% das meninas disseram a mesma coisa.

Louise*, que tem 17 anos e vive no sudeste da Inglaterra, disse ao HuffPost Reino Unido que a ansiedade em torno de sua aparência influi sobre seus hábitos sociais.

“Muitas vezes eu não saio de casa. Acho que outras pessoas vão odiar minha aparência, porque eu odeio”, ela disse.

“Falo que não posso sair para jantar e dou desculpas para não comer, porque não estou satisfeita com meu corpo naquele dia. Não quero me mostrar, não quero que outras pessoas me vejam porque vão pensar que estou gorda.”

Louise disse que a imagem unidimensional de beleza que vemos exposta na mídia contribui para a baixa autoestima sentida por meninas de sua idade e mais jovens.

“Muito disso tem a ver com as redes sociais e o jeito como pessoas tipo Kylie e Kendal Jenner são apresentadas como sendo ‘a beleza’ da sociedade, porque elas são tão magrinhas”, ela explicou.

“Todas as modelos que a gente vê são magérrimas. Então na nossa cabeça, e na minha cabeça, preciso ser magra porque elas são magras.”

Lamentavelmente, o caso de Louise não é singular. O estudo constatou que,

em todo o mundo, cinco em cada dez meninas (55%) deixam de passar tempo com seus amigos e sua família, de participar de atividades fora de casa ou de tentar entrar em um time ou clube quando não estão satisfeitas com sua própria aparência.

Esse número sobe significativamente, chegando a oito em cada dez (80%) das meninas com baixa autoestima corporal, mas cai para quatro em cada dez (41%) entre as meninas com alta autoestima corporal.

O estudo também concluiu que, em comparação com as meninas que têm alto nível de autoestima corporal, as meninas com baixa autoestima corporal sentem pressão adicional para receber notas boas na escola, para se casarem e para nunca cometerem erros.

| | Escala Mendelson | |
|---|--------------------------|-------------------------|
| Garotas da minha idade sentem-se pressionadas para: | Baixa autoestima* (n) | Alta autoestima* (q) |
| Tirar boas notas na escola | 85% | 73% |
| Atingir seus objetivos | 78% | 70% |
| Ser esperta/inteligente | 75% | 63% |
| Ter um bom emprego no futuro | 77% | 65% |
| Ser a melhor pessoa que puder | 71% | 62% |
| Parecer aceitável o tempo todo | 69% | 55% |
| Nunca cometer erros ou demonstrar fraqueza | 65% | 49% |
| Ser bonita | 69% | 45% |
| Ser alguém que as meninas da minha idade querem ser | 59% | 46% |
| Cuidar da minha família | 49% | 46% |
| Ajudar minha comunidade | 36% | 41% |
| Ter família e filhos | 41% | 30% |
| Casar | 35% | 26% |

Abiee Harris tem 20 anos e é educadora no [movimento de escoteiras](#). Ela contou que a autoimagem corporal era uma grande preocupação sua na adolescência e impactou sua vida escolar.

“Com 10 anos de idade, me lembro de ficar tão chateada com minha aparência quando eu me trocava para a aula de Educação Física que pedi à minha mãe para me ajudar a perder peso”, ela contou ao HuffPost Reino Unido.

“No colégio secundário, eu deixava de levantar a mão em sala de aula, caso estivesse com manchas de suor nas axilas. E às vezes deixava de usar roupas das quais gostava, porque eram justas demais.”

“Hoje, quando olho para trás, vejo que não havia nada de errado, mas mesmo assim aquele sentimento me freava. Hoje em dia sinto muita confiança em meu corpo, mas mesmo assim eu fraquejo um pouco, de vez em quando.”



Abiee Harris. (Foto: Reprodução)

Harris comentou que em seu trabalho com as escoteiras, ela ainda vê adolescentes tendo os mesmos problemas que ela tinha quando era mais jovem.

“Quando comando sessões com grupos de meninas no movimento de escoteiras, elas falam do ‘mito da imagem’. É assustador ver que todas as meninas falam da mesma ideia e da mesma visão. É aquilo que elas aspiram se tornar, e isso é triste de se ver”, ela comentou.

Embora as garotas demonstrem consciência crescente do papel da mídia na promoção de ideais de beleza inatingíveis, o estudo constatou que apenas as meninas com alta autoestima corporal parecem equipadas para resistir a essas pressões.

Oito em cada dez (78%) das meninas com boa autoestima corporal disseram que se consideram bonitas, mesmo que sejam diferentes do que veem na mídia. Apenas uma em cada dez (12%) das meninas com baixa autoestima corporal falou a mesma coisa.

Talvez não seja surpreendente que sete em cada dez (68%) das meninas ao todo tenham dito que gostariam que a mídia destacasse mulheres de atratividade física, idade, etnia, tamanhos e formas diferentes.

Apesar das [pesquisas anteriores](#) que sugeriram que mídias sociais baseadas em imagens, como o Instagram, podem estar tendo impacto negativo sobre a saúde mental dos jovens, o estudo da Dove sugere que as meninas podem estar usando as redes sociais para aumentar sua autoconfiança corporal.

O estudo revelou que as meninas vêm usando as redes sociais como plataforma para expressar sua individualidade com confiança; metade delas (51%) disseram que se sentem mais confiantes interagindo com as pessoas online.

Comentando os resultados, Jess Weiner, professora da Escola Annenberg de Jornalismo da Universidade do Sul da Califórnia (USC), disse: “As meninas em todo o mundo estão atrelando o poder das redes sociais para

democratizar a narrativa da beleza, quer nós façamos parte disso ou não.

“Elas estão formando suas próprias comunidades online para falar das questões que mais afetam sua saúde física e emocional, inundando o espaço com seus relatos e imagens. Estão se tornado sujeitas de suas próprias histórias, e não objeto da história de outros.”

A Dra. Phillippa Diedrichs, professora assistente no Centro de Pesquisas da Aparência da University of West England, disse ao HuffPost Reino Unido que as conclusões do estudo da Dove não a surpreenderam.



Meninas e confiança na beleza: Relatório Global

O Relatório Global 2017 de Dove sobre meninas e confiança na beleza é o maior relatório acadêmico já produzido por Dove para examinar o impacto que confiança corporal, pressões e confiança exercem sobre meninas do mundo todo.

Mais da metade das meninas



do mundo **não** tem confiança corporal alta.

Quando meninas não se sentem bem com relação a sua aparência física...



8 em cada 10

evitam se encontrar com amigos e familiares ou tentar fazer parte de times de esportes ou grupo de atividades



7 em cada 10

evitam comer ou colocam sua saúde em risco de outras maneiras



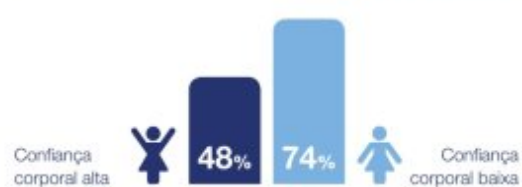
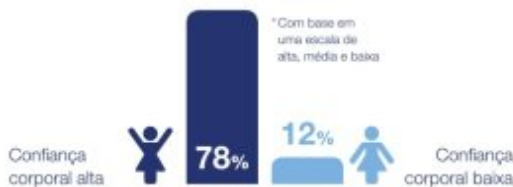
7 em cada 10

não expressam suas opiniões de maneira assertiva ou não defendem sua opinião

Porém, quando uma menina tem confiança corporal alta...

... é mais provável que ela se ache bonita, mesmo quando ela não se parece com os ideais propagados pela mídia

... ela se sente menos pressionada para ser bonita



7 em cada 10 meninas

acham que se coloca **muita ênfase na beleza** como fonte de felicidade



8 em cada 10 meninas

dizem que dedicar **tempo para a prática de atividades que as fazem felizes** faz com que se sintam mais confiantes



7 em cada 10 meninas

acreditam que as **imagens que encontram na mídia foram alteradas digitalmente**



82%

Praticamente **toda as meninas**

do mundo todo acham que **cada menina é bonita à sua maneira**

Para ajudar as meninas que fazem parte da sua vida, visite dove.com/selfesteem

“As constatações do estudo da Dove são confirmadas por pesquisas acadêmicas, que mostram as preocupações com imagem corporal impactando

todas as áreas mais importantes da vida das meninas. Isso inclui sua saúde mental e física, sua vida social, educação e aspirações profissionais”, ela prosseguiu.

“Embora eu não esteja surpresa, me sinto motivada a acabar com isso. Existem medidas concretas que podemos tomar para combater essa questão, e não é hora de ficarmos inativos.”

Além de combater o bullying movido pela aparência, Diedrichs disse que precisamos prestar atenção às conversas que temos com mulheres e meninas que toquem no tema da aparência física.

“Comentários aparentemente inócuos, tipo ‘você está ótima, perdeu peso?’, ou ‘esse vestido lhe cai muito bem, deixa você super magrinha’, podem reforçar a pressão sobre as meninas para terem uma aparência determinada”, ela explicou.

“Ao nível da comunidade, podemos perguntar às escolas locais o que estão fazendo para promover a autoconfiança corporal e lhes indicar recursos baseados em evidências e que têm impactos mensuráveis após apenas algumas poucas aulas.”

O relatório também destacou algumas conclusões mais positivas.

O estudo constatou que oito em cada dez (82%) das meninas acham que há algo nelas que é belo e que quase todas (80%) se sentem mais autoconfiantes depois de fazer coisas que as deixam felizes com elas mesmas, seu corpo e sua saúde, como leitura ou exercícios físicos.

Sophie Galvani, vice-presidente global da Dove Masterbrand, disse que é animador ver as meninas conscientes e tomando suas próprias iniciativas para criar mudanças, mas que “elas não conseguem fazer isso sozinhas”.

“Nossa pesquisa mostra que uma menina de 17 anos tem chance maior de sentir menos felicidade e satisfação com a vida que uma menina de 10 anos”, ela disse em comunicado à imprensa.

“Esse é um momento crucial na vida de uma menina, quando não necessários

apoio e intervenções pró-ativas, e é exatamente isso que o [Projeto Dove de Autoestima](#) foi criado para fazer. Seus workshops, ferramentas e intervenções comprovadamente ajudam a construir autoconfiança corporal positiva nos jovens e, em última análise, a ajudar a próxima geração a alcançar seu pleno potencial na vida.”

**O nome foi mudado para proteger o anonimato da entrevistada.*

Foram entrevistadas para o estudo meninas de vários países do mundo, incluindo Índia, Estados Unidos, Reino Unido, Brasil, China, Japão, Turquia, Canadá, Alemanha, Rússia, México, África do Sul, Austrália e Indonésia.

De acordo com a Dove, os países foram escolhidos para representar adequadamente a diversidade de meninas em matéria de cultura, crenças, pressões sociais e desenvolvimento econômico, além de uma representação equitativa da diversidade cultural e das tradições ligadas à beleza. O objetivo foi que a amostra fosse amplamente representativa da população de meninas de cada país em termos de idade, região e estrato social.

Vergonha do corpo pode estar deixando as mulheres fisicamente doentes, sugere estudo

(Brasil Post, 01/09/2015) Estudos acadêmicos podem ser fascinantes... e muito confusos. Decidimos tirar todos os jargões científicos e explicá-los para você.

O cenário

Com toda a pressão para as mulheres parecerem esticadas, magras e eternamente jovens, a autoobjetificação infelizmente é a regra nos dias de hoje. Os pesquisadores começam a acreditar que o autojulgamento não afeta só nosso estado mental - a vergonha do corpo pode nos deixar fisicamente doentes.

A ideia é que os padrões estritos de beleza - que contribuem para a vergonha do corpo - muitas vezes fazem as mulheres se sentirem mal a respeito de suas funções corporais (como menstruação e suor). Isso pode fazer as mulheres tentar esconder essas funções, o que por sua vez pode causar problemas de saúde.

Para investigar, a pesquisadora Jean Lamont, da Universidade Bucknell, realizou dois pequenos estudos.

A preparação

No primeiro estudo, Lamont pediu que 177 estudantes universitárias respondessem um questionário com frases como “Sinto vergonha quando tenho de usar tamanhos maiores de roupa”; “Tenho confiança de que meu corpo vai comunicar o que é bom para mim”; e “Sempre me sinto vulnerável a doenças”.

As participantes tinham de responder o quanto concordavam ou discordavam das afirmações. Lamont usou as respostas para medir a vergonha que cada participante tinha do próprio corpo, como elas respondiam ao corpo e como avaliavam sua própria saúde.

Depois, as mulheres relataram quantas infecções tiveram nos últimos cinco anos - como bronquite, pneumonia e candidíase - além de episódios de náusea, dor de cabeça e diarreia. Cada mulher também avaliou sua saúde numa escala de um a cinco.

Mas Lamont queria acompanhar os resultados num prazo mais longo, para garantir que eles não sofressem influência de depressão, cigarro ou índice de massa corporal (IMC).

Então ela fez uma versão longitudinal do estudo para controlar essas três

variáveis. Nessa versão, ela pediu que 181 estudantes respondessem o mesmo questionário em dois pontos diferentes do semestre, uma vez em setembro e outra em dezembro (época em que há mais ocorrência de doenças infecciosas como gripe, bronquite etc., segundo o estudo).

Os resultados

Finalizados os dois estudos, Lamont descobriu que mulheres que tinham mais vergonha do corpo deram notas mais baixas para sua saúde e relataram mais infecções desde a adolescência. Os resultados se mantiveram no grupo controlado para depressão, cigarro e IMC.

Além disso, o segundo estudo mostrou que mulheres com mais vergonha do corpo tiveram mais infecções entre o primeiro e o segundo questionário. Isso sugere que a vergonha do corpo relatada pelas mulheres em setembro pode ter contribuído para infecções reportadas em dezembro.

Por que isso acontece? Lamont sugere a seguinte correlação: a vergonha do corpo indica má saúde, porque esse sentimento pode levar as mulheres a prestar menos atenção aos sinais do corpo e a avaliar incorretamente o estado de saúde.

A conclusão

O estudo levanta a questão: se tantas mulheres se sentem mal com seus corpos, qual é o real impacto disso na saúde? Isso é algo que ainda não se sabe - a escala do estudo foi muito pequena, e os resultados têm limitações, pois Lamont dependia dos sujeitos do estudo para obter os históricos de saúde ([um problema conhecido nesse tipo de pesquisa](#)).

Ainda assim, os estudos sugerem que estar de mal com o corpo pode potencialmente prejudicar a saúde física, além de oferecer insights sobre o porquê dessa relação.

De qualquer modo, que esse estudo seja mais um motivo para amar o próprio corpo. Sentir-se culpada por um pedaço de chocolate, ou se penitenciar porque você não é parecida com celebridades ou modelos photoshopadas pode ter consequências muito mais graves além do mau humor.

Rebecca Adams

Acesse no site de origem: [Vergonha do corpo pode estar deixando as mulheres fisicamente doentes, sugere estudo \(Brasil Post, 01/09/2015\)](#)

Mãe cria boneca com cabelo cacheado para aumentar a autoestima da filha

(O Globo, 22/05/2015) *Angelica Sweeting teve a ideia após ouvir Sophia reclamando de sua aparência*

A americana Angelica Sweeting criou “A Boneca Angelica”, que foi projetada para se parecer com meninas com cabelos cacheados, narizes mais largos, e os lábios mais espessos. A ideia do produto surgiu quando Angelica descobriu que sua filha Sophia estava passando por problemas com sua imagem corporal.



Sophia e mãe brincam com a boneca (Foto: Reprodução/Kickstarter)

“Sophia queria cabelo liso e longo e ela até começou a expressar uma forte antipatia por suas características faciais e tom de pele”, disse Angelica, que dispensou as prateleiras das lojas de brinquedos.



Angelica com suas filhas (Foto: Arquivo pessoal)

A novidade tem características da sua filha - com olhos marrons e pele negra -, e tem um cabelo natural que pode ser lavado, puxado, torcido e enrolado “para poder estilizar”.

A mãe, que tem uma [página](#) para receber doações para seu projeto, espera criar uma linha de bonecas com diferentes tons de pele e texturas de cabelo com as quais as meninas possam se identificar.

“Estou criando a Angelica para que as meninas saibam que elas são lindas. Nossas meninas precisam ver uma representação da beleza única delas. É hora de as nossas meninas terem um outro padrão”, escreveu a mãe no site.

Acesse o PDF: [Mãe cria boneca com cabelo cacheado para aumentar a autoestima da filha \(O Globo, 22/05/2015\)](#)

Violência midiática afeta autoestima das mulheres

(Radioagência Nacional, 04/12/2014) Em sintonia com as reflexões em torno da Campanha dos 16 dias de ativismo contra a violência à mulher, Viva Maria hoje (4) vai se ocupar de um tipo de agressão que vitima milhares de mulheres no Brasil e no mundo.

A violência midiática incute nas mulheres um ideal de beleza inatingível, artificial, mercantilizado. Muitas sucumbem ao apelo da Vênus jovem, magra, alta, loira, de olhos azuis e cabelos lisos, e fazem de tudo para alcançar esse objetivo, gastando dinheiro em cremes, xampus, complexos emagrecedores, escovas progressivas e tudo mais que prometa mudar a aparência.

Algumas até comprometem a própria saúde fazendo regimes desumanos e se submetendo a cirurgias que muitas vezes geram resultados nefastos. O caso mais recente aconteceu com a modelo Andressa Urach por causa dos 400 ml

de hidrogel que aplicadou em cada uma das pernas.

Andressa Urach teve que ser internada sábado passado e segue em estado grave num hospital de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul , isso porque o produto causou uma infecção e os médicos precisaram colocar um dreno. Andressa deve ficar internada por mais 15 dias.

A psicóloga e escritora Rachel Moreno, autora do livro A beleza Impossível!, questiona os motivos que levam as mulheres a assumir tal comportamento.

Viva Maria : Programete que aborda assuntos ligados aos direitos das mulheres e outros aspectos da questão de gênero. É publicado de segunda a sexta-feira.

Acesse no site de origem: [Violência midiática afeta autoestima das mulheres \(Radioagência Nacional, 04/12/2014\)](#)

Mulheres que lutam contra o câncer viram modelos e ganham autoestima

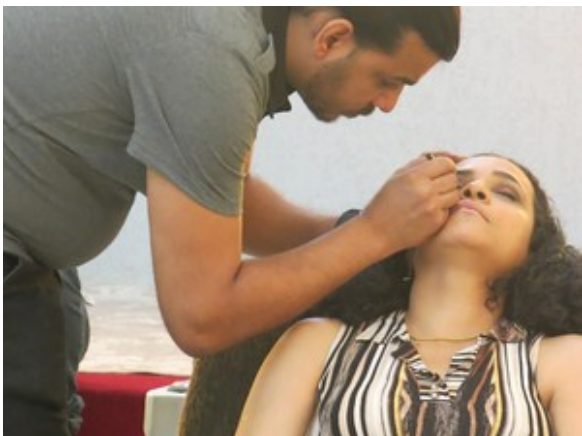
(G1, 09/10/2014) As histórias de 31 mulheres que lutam contra o câncer foram contadas em forma de depoimento e retratadas em um ensaio fotográfico. Elas querem mostrar que é possível seguir em frente, vencer a doença, os obstáculos da vida e viver com mais beleza e intensidade, mesmo que, muitas vezes, tenham um futuro incerto. Durante todo o mês de outubro, um vídeo de cada uma delas é divulgado na página do projeto para conscientizar as pessoas sobre a importância da prevenção do câncer de mama.

Aos 36 anos, Valéria Kenchicoski foi diagnosticada com câncer de mama. Ela

retirou parte da mama e fez radioterapia. Durante o processo, compartilhou a luta contra o câncer e criou o projeto 'Vivi e Venci' para levar mensagens de autoestima e esperança para pacientes com a doença. No começo deste ano, Valeria descobriu o câncer pela segunda vez. Dois nódulos apareceram na mama dela. Quando estava se preparando para a cirurgia, os exames apontaram que ela tinha metástase no pulmão.



Valeria realiza ações de apoio as vítimas do câncer (Foto: Mariane Rossi/G1)



Mulher é maquiada antes do ensaio
fotográfico (Foto: Mariane Rossi/G1)

Apesar das adversidades, Valéria percebeu que precisava continuar divulgando mensagens positivas para pacientes oncológicos. Ela criou o projeto 'Enfrente', que oferece apoio filantrópico à pacientes portadores de câncer, bem como familiares, cuidadores e profissionais da área da saúde, com foco na parte mental, espiritual e física das pessoas assistidas. "A ideia é abranger qualquer tipo de pessoa para que ela tenha a ideia de enfrentar os problemas do dia a dia", explica.

Em contato com o fotógrafo Roberto Mariotto, ela teve a ideia de montar um ensaio fotográfico e uma série de depoimentos com mulheres vítimas de câncer, para lembrar não apenas o outubro rosa, mas também elevar a autoestima de muitas pessoas.

Valéria postou a novidade na página do projeto. Ao todo, 31 mulheres que vivem ou viveram com câncer foram selecionadas. "São vários tipos de câncer. O outubro rosa virou o outubro colorido", brinca ela. As modelos foram orientadas a trazer três roupas diferentes e um objeto de estimação que pudesse representá-las. Primeiro, elas gravaram um depoimento, contando sua história de luta contra o câncer. Depois, foram fotografadas por Mariotto. "A gente está tentando fotografar a vida. Não o câncer. A beleza que está em cada uma", diz o fotógrafo. As gravações e as fotos foram feitas em setembro, sob a coordenação de Valéria. A cada história, uma emoção e uma lição de vida. A cada ensaio, uma mulher que saía do local mais feliz. "Todas elas têm uma mensagem para passar. A gente tenta tirar a essência de cada uma", diz Valéria.

Márcia Aparecida Lima, de 48 anos, veio de São Paulo para fazer as fotos e contar a história dela, que teve câncer de mama e precisou retirar um dos seios, há cinco anos. Depois de passar pelo cabeleireiro e maquiador, ela estava pronta para se sentir uma verdadeira modelo. "Estou totalmente ansiosa. A gente tem a vontade de mostrar que é possível conviver, passar pelo diagnóstico e pelo tratamento", fala.



Marcia teve câncer e participou do ensaio fotográfico (Foto: Mariane Rossi/G1)

A funcionária pública Ângela Maria Laranjeira, de 55 anos, também participou. Ela teve câncer de mama há 10 anos. “Sempre me cuidei e descobri a doença no começo”, diz. Após o cansativo tratamento com quimioterapia e radioterapia, ela está curada e até voltou para o trabalho.



Participantes também contaram a

sua história de luta contra a doença
(Foto: Mariane Rossi/G1)

Porém, a maioria das modelos ainda não terminou o tratamento. O ensaio fotográfico acaba ajudando as próprias voluntárias, que se sentem mais valorizadas e mais bonitas. “Nessas histórias, muitas perdem os parceiros, são abandonadas. Aqui é uma descoberta de feminilidade, de autoestima. Estamos conseguindo extrair isso de cada uma delas. Queremos mostrar que o câncer não é o fim da linha. É o começo de algo intenso”, diz Valeria.

As fotos e os vídeos estão sendo postados neste mês de outubro na [fan page do projeto](#). Valéria e Mariotto querem expandir o trabalho e levar a história dessas mulheres para outros locais. “Queremos transformar isso em uma exposição de uma forma mais tradicional. Tudo foi feito com parcerias filantrópicas. Precisamos imprimir as fotos, dá uns R\$ 200 por modelo. Tendo as fotos impressas, a exposição poderá ser itinerante, pode durar o ano inteiro”, fala Valeria.

A ação é uma homenagem não só para as modelos, mas também para as outras mulheres que passam pela mesma situação ou que se emocionam com as histórias contadas. “Elas continuam vivendo, apesar de perder parte da vida. Cada momento é muito valioso. Tudo é muito intenso. É muito bonito. Elas conseguem viver apesar de perder o controle da vida por tempo indeterminado”, diz Mariotto.



Grupo de mulheres que participaram da ação (Foto: Mariane Rossi/G1)

Acesse no site de origem: [Mulheres que lutam contra o câncer viram modelos e ganham autoestima \(G1, 09/10/2014\)](#)